

terrium
série oceânia | livro 2

lucy angel



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

PLAYLIST

Amor de Ferro — Diogo Piçarra, Pedro Abrunhosa

Angel — Morgan Clae

Built to Be Bad — Grace Gachot, Alex Sampson

Dor de Amar — SYRO, Mariana Pacheco

Exile — Taylor Swift, Bon Iver

I Love You, I'm Sorry — Gracie Adams

In The Stars — Benson Boone

Minefields — Faouzia, John Legend

Queen of Kings — Alessandra

Sentimental — Diogo Piçarra

Stay — Rihanna, Mikky Ekko

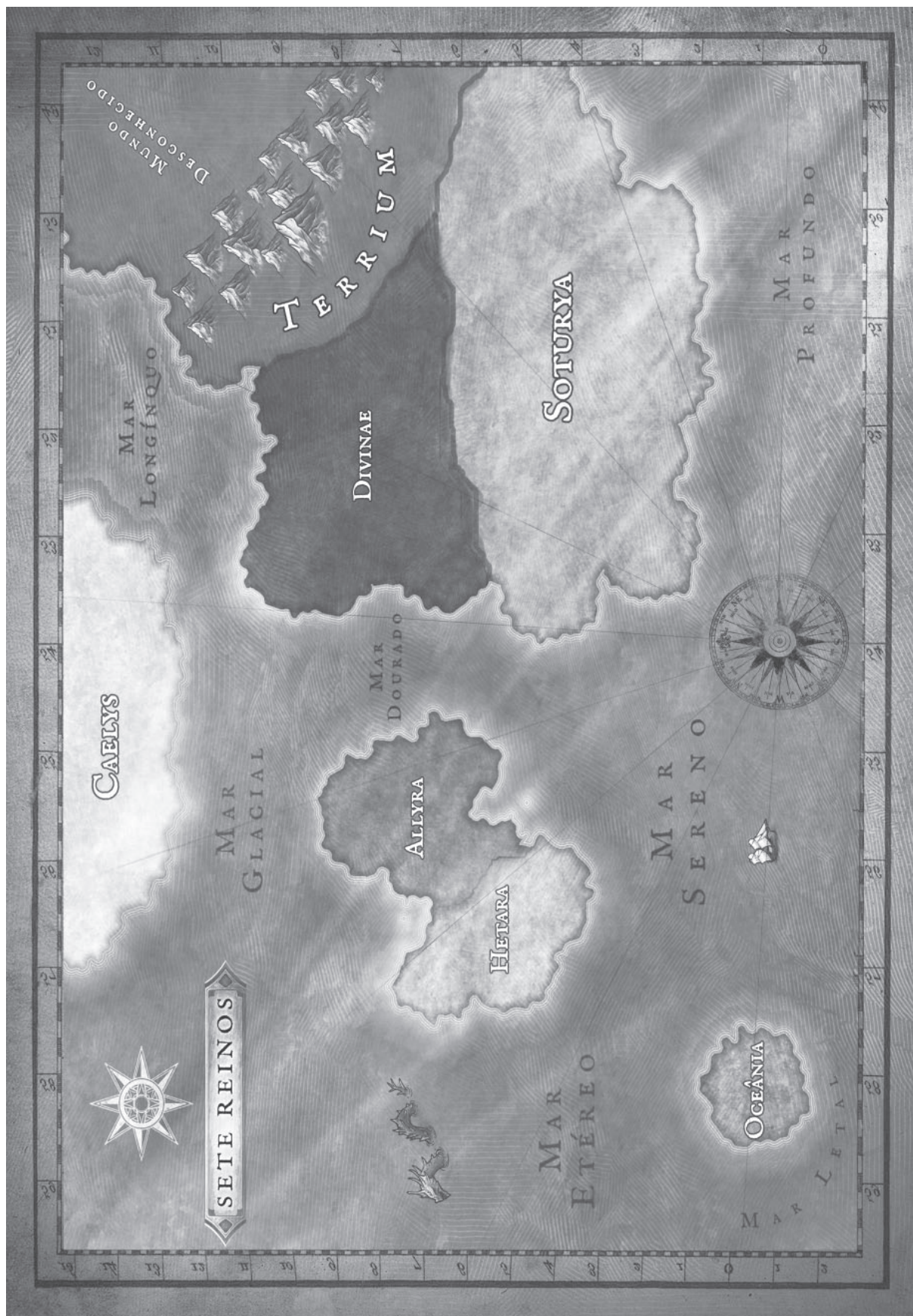
Stuck to U Like Glue — Sami Rose

Tarde Demais — Kasha, Beatriz Rosário

Which Witch — Florence + The Machine

WDIA (Would Do It Again) — Rosa Linn, Duncan Laurence

Who's Afraid of Little Old Me? — Taylor Swift



Aos que ainda não sabem muito bem quem são.

Aos que não sabem tudo o que podem ser.

Aos que ficam confusos sobre quem devem ser.

Aos que lutam para serem autênticos.

Neste navio podem ser o que quiserem.

São infinitos.

PRÓLOGO



Ela encara o céu estrelado no silêncio da noite. O horizonte começa a tingir-se com os primeiros raios da madrugada, embora estejam distantes o suficiente para o negrume se manter. As estrelas contam as suas próprias histórias, cada constelação um mito diferente.

Ela não as sabe todas. Questiona-se se os piratas saberão. Afinal, é através das estrelas que navegam pelos Sete Mares.

A princesa pestaneja com força, afastando a mente do navio que deixou para trás. Dos piratas que jurou esquecer.

Daquele que a marcou para sempre.

Ela fecha os olhos e deixa-se embalar pelo mar, pelo som das ondas, pelo infinito que lentamente começa a deixar de temer. O mar agora faz parte de si.

E o Oceano conecta-a com o mundo.

Ele sente o corpo balançar. É uma sensação distante e não tem a certeza se será real ou imaginação. Deixou de saber distinguir, a mente exausta e distorcida pelo arrependimento, pela fome e pela sede.

O pirata ergue a cabeça com dificuldade, fitando as estrelas. Não sabe que, algures no mar, ela faz o mesmo.

Desconhece que uma estrela-cadente surge sobre as suas cabeças.

E que ambos pedem um desejo.

Ele pede redenção.

Ela pede coragem.

Ambos já deviam saber...

Desejos podem ser perigosos.

Tal como as ondas do Mar e a força do Oceano...

O Destino é *imparável*.

ATO I



Frágil

CAPÍTULO 1



O Morto

DARIN

O Oceano recusa-se a ser misericordioso comigo. Também não o mereço. É o que acontece quando não medimos as consequências dos nossos atos.

Humedeço os lábios gretados, sentindo a leve ardência da pele em ferida. Arrasto-me em direção ao mar e debruço-me sobre o casco da pequena embarcação onde me encontro à deriva. Sinto a garganta ressequida pela sede ao sussurrar:

— Por favor...

Não me responde. Não esperava que o fizesse. Estou a entrar num estado de delírio à medida que os dias se arrastam. Estou desidratado, faminto, zozzo.

E, ainda assim, o meu corpo recusa-se a morrer.

Sou covarde. Não sou capaz de tirar a minha própria vida. Trouxe uma adaga a bordo que jaz caída aos meus pés, sem utilidade. Quero que o mar me leve daqui. Se assim for, a minha dívida fica saldada.

Quero morrer como matei tantos inocentes, num ato de pura insanidade. Recordo-me dos seus corpos sem vida cada vez que fecho os olhos, pessoas que se afogaram devido ao meu desejo de vingança. Quero morrer da mesma forma.

Um último ato de redenção. Estarei a pedir muito?

A embarcação balança suavemente enquanto é arrastada pelas correntes marítimas. Sobre a minha cabeça, o céu enche-se de estrelas. Na noite anterior, tentei contá-las, em vão. Parecem-me fragmentos de algo maior. Brilham, alheias ao negrume da humanidade, e parecem fazer pouco de mim com a sua beleza e encanto.



A mente trabalha para atormentar-me. Quando mergulho num sono exausto, inunda-me de recordações que não quero reviver. São memórias que sabem a rum e a sal, aos bolos de canela da minha mãe, ao odor a morango da minha irmã. Os ouvidos ainda recordam o som de risos e cantares, o tilintar de canecas cheias de álcool, as histórias contadas em momentos de camaradagem.

Os meus dedos ainda sentem a sua pele macia. Conseguem traçar o seu sorriso na madeira, os olhos cinzentos gravados em todas as partes quebradas de mim.

Ranjo os dentes. A adaga parece faiscar perante o meu desespero. Fecho os olhos e deixo-me afogar nas memórias.

«Ela é tudo o que menos esperava.

Contava deliciar-me com o seu medo como um predador aprecia o terror no olhar da sua presa. Queria vê-la implorar como uma menina indefesa, choramingar à medida que percebe que o seu querido pai não a vai salvar. Desejava sentir prazer ao humilhar a filha do homem que odiei a vida toda. Quando não tinha onde buscar forças para continuar vivo, procurava acender dentro de mim a raiva de quem tem contas para saldar. Alimentei-me de vingança, usei-a como combustível para chegar a este momento.

Agora, ela está aqui — e em nada se parece com ele. Posso ter esquecido partes do meu passado, mas nunca esquecerei os olhos do Rei de Oceânia. Castanhos como o tronco de uma árvore, baços e desinteressantes.

Em nada semelhante às íris cinza que me fitam com uma fúria contida.

A princesa está encharcada da cabeça aos pés, após a sua tentativa inútil e ridícula de fugir. O corpo está coberto pela toalha que exige que lhe entregassem, os cabelos escurecidos pela água e os lábios arroxeados pelo frio. Parece miserável com as suas roupas esfarrapadas e coladas de forma indecente ao corpo.

Miserável ou não, ela está de queixo erguido e olhar firme. Esconde o medo com cada fibra do seu ser, os punhos cerrados para não se notar quão trémula está. Quando me aproximo, espero vê-la estremecer ou baixar o olhar, assustada.

Não o faz. Para minha surpresa, Catherine de Oceânia ergue ainda mais o queixo, num desafio silencioso.

Enfio as mãos nos bolsos do casaco, escondendo a força com que cerro os punhos. Também eu me contenho. Refreio o impulso de afastar a mecha



de cabelo que lhe cai para o rosto, escondendo parcialmente o olhar prateado. Noto as pintas safira perdidas no cinzento. O pequeno sinal no canto do olho. Os fios castanhos que começam a enrolar-se junto das suas orelhas devido à humidade.

É tão bonita como arisca. As criaturas mais venenosas são sempre as mais bonitas, penso ao encará-la.

— Vai dizer como irá torturar-me ou abusar de mim?

A questão escapa da sua boca com acidez. Atinge-me com uma violência inesperada, trazendo à tona imagens que quero esquecer. A recusa da minha mãe. O olhar ávido do Rei posto nela. O suborno, a manipulação, a tentativa... e depois os gritos. A apatia no rosto dos guardas ao levar-me para longe, não a tempo de evitar que visse os corpos sem vida das duas mulheres que mais amei.

A princesa à minha frente estremece. Um misto de confusão e arrependimento baila na sua expressão. Vira o rosto para observar os meus companheiros, cuja conduta é semelhante à minha.

Jamais abusaria de uma mulher. Jamais farei com outrem o que quise-ram fazer com a minha mãe.

Quando Catherine volta a olhar para mim, sustenho a respiração. Um raio de sol ilumina-lhe as feições, e toda ela é prata e safira, ousadia e inocência, emoção e determinação.

É nesse instante que um pressentimento me atinge. Sinto-o no âmag do meu ser.

Estou tramado.»

Acordo com um arquejo. Levo a mão ao abdómen, à zona envolta pelas ligaduras que ainda me cobrem o corpo, onde a aranha que enfrentei em Asara me trespassou. Tento sentar-me e tropeço, enfraquecido pela falta de comida e água. Passaram dois dias. De acordo com o que Adron me disse uma vez, um homem pode durar de três a sete dias sem água.

Não era bem assim que pretendia morrer, mas não serei exigente. Se o Oceano não me quiser levar, terei de fazer por isso. Morte por desidratação e fome é uma opção.

A dor alastra-se pelo meu corpo, como um estranho presságio. O barco balança com mais agressividade e fito o horizonte. O mar agita-se em meu redor e o estômago retorce-se de agonia. Estarei prestes a ser atacado? Os monstros marinhos podem estar à procura da sua próxima presa e eu sou de fácil acesso.



Seria irónico ser comido por um monstro. E merecido.

A dor diminui e escorrego pela madeira humedecida pela maresia. Pontos negros preenchem-me a visão e volto a cair na inconsciência, sem forças para lhe resistir.

«Implora-me que te liberte. Deixa-me ver-te rastejar aos meus pés, a pedir misericórdia. Permite que saboreie a sensação de triunfo de ter nas mãos a vida do meu maior inimigo.

Por favor, torna isto mais fácil. Não lutes com tanta bravura. Não sejas tão obstinada. Não me respondas com palavras afiadas. Não sejas tudo o que eu menos esperava.

Catherine brande a espada com destreza, alheia à luta travada na minha mente. O rabo de cavalo deixa o seu rosto visível e tem os lábios prensados numa linha fina devido à concentração. Surpreende-me a sua agilidade, e a expressão não se altera quando tento abalroá-la com truques desonrosos, como passar-lhe uma rasteira ou puxá-la pela camisa folgada. Gira sobre si mesma para se desviar do meu ataque, a sua lâmina cortando o tecido que me cobre o braço esquerdo.

Por breves instantes, fixo os olhos na tatuagem descoberta. O tempo para. Emoções soterradas regressam em força e cerro as mandíbulas. Ataco-a com violência e sei que a assustei pela forma como arregala os olhos, sem contar com a onda de fúria em que me tornei.

Ela é a princesa de Oceânia. Filha do Rei que me tirou tudo. Desprezo-a, odeio-a, desejo matá-la com as próprias mãos. Terei prazer em ver Tartara quebrar o seu bonito pescoço sem misericórdia.

Quero que ela recue. Que baixe a arma e desista. Pontapeio um barril na sua direção, o qual se desvia rapidamente. Provoco-a com gracejos maliciosos e ela responde na mesma moeda, aumentando a intensidade dos seus ataques à medida que também ela se deixa envolver pela fúria.

Quando dou por mim, sou atingido por um soco violento no rosto. Cambaleio para trás, zozzo, a boca ensanguentada.

E ela está de pé, com um sorriso malicioso no rosto. Tão bela quanto perigosa.»

* * *

Mãos seguram e arrastam-me com brusquidão. Tento abrir os olhos, as pálpebras pesadas, o corpo fraco e mole. Tornei-me uma sombra de mim mesmo e pouco me importo com isso. Ainda assim, procuro soltar-me,



sem sucesso. Quem me agarra é forte e tem claramente um objetivo, pois larga-me sem escrúpulos no chão de madeira envernizado, o odor impregnando-se enjoativamente nas narinas.

Já não estou no bote à deriva, percebo. Pressiono as palmas das mãos no chão, erguendo a cabeça. Esforço-me para focar a visão no rosto que se aproxima de mim.

Um par de olhos cinza fita-me com um ar divertido. São semelhantes aos *dela*, mas ao mesmo tempo não são. Estão no rosto errado, não têm partículas safira como os dela, nem são gentis ou desafiadores. São irônicos, frios e exibem uma expressão que conheço bem demais.

Vingança.

— O grande Capitão Darin caído em desgraça... estou desapontado — diz uma voz fina.

Solto uma gargalhada fraca. Posso estar uma desgraça, mas não darei parte fraca. Ainda tenho uma reputação a manter.

— Senti o mesmo quando te conheci. O que queres? — questiono, voltando a encostar a testa no chão, exausto. — Estava a tentar morrer em paz.

As suas mãos puxam-me os cabelos com violência. Rosno baixinho, furioso. Se eu tivesse a adaga na mão, já lhe teria arrancado o sorriso à facada.

Puro medo assola-me ao encará-lo. Alastra-se em mim como gelo, picando-me a pele e o peito, o sangue fugindo-me do rosto. É uma sensação física, real, paralisante. Deixa-me sem ar e estremeço involuntariamente.

As íris cinzentas de Filip, o príncipe de Oceânia, estão agora impregnadas de preto. Quando fala, a sua voz é cavernosa, malévola, *antiga*.

— Não é a ti que eu quero, pirata.

Sinto a boca secar.

Catherine.

CAPÍTULO 2



As Memórias

CATHERINE

O balançar do corpo de Tartara faz-me dormitar. Oscilo com ela, as pálpebras semifechadas, a mente a viajar por sonhos sem sentido. Talvez não deva chamar-lhes sonhos, mas sim uma verdadeira manta de retalhos, feita de pedaços de memórias antigas e recentes. A melodia de fundo é o som do Oceano e o corpo da Grande Serpente, a cortar a superfície do mar, provoca pequenas ondas em seu redor.

Cada imagem é uma pontada no coração. Algumas provocam saudade, outras provocam dor. O abraço de um rapaz de cabelo rosa. O sabor a rum e a mar. O calor de danças e a sensação estranha de pertença. O ruído de metal contra metal.

Beijos urgentes e o meu nome sussurrado como uma maldição.

Um solavanco faz-me abrir os olhos e sentar-me sobressaltada. Estou ofegante, as mãos tateando as escamas de Tartara para recordar onde estou, o pânico diminuindo ao sentir a sua energia pulsar por baixo de mim. Ela sente o meu desconforto e solta um longo lamento, um lembrete de que está comigo e que estou segura.

Segura, sentada no corpo do maior monstro marinho do mundo. «*A vida dá muitas voltas*», penso com ironia.

Ao meu lado, a figura pálida de Kass remexe-se, também ela perdida em sonhos agitados. O cabelo azul da Bruxa cai em ondas sobre o rosto, tapando as suas pequenas sardas. As mechas cobrem também a longa cicatriz que lhe desfigura a face. Segundo o pouco que me contou sobre si, tem mais dois anos do que eu e, ainda assim, parece uma miúda, a idade disfarçada pela beleza invulgar.

Tenho muitas questões para lhe fazer. Estamos a viajar no dorso de



Tartara há três dias, atravessando o Mar Etéreo rumo a Hetara. É uma viagem longa e navegamos devagar devido aos ferimentos de Kass, cuja perna quebrada impossibilita ir a uma velocidade superior. Fiz o que pude com o que tinha e construí uma tala rudimentar com um pedaço de madeira que encontrei em Oceânia antes de abandonarmos o reino. Com alguns panos, cordas e os benditos nós que Eva me ensinou, enfaixei-lhe a perna até conseguirmos chegar a terra e pedir auxílio.

O Oceano também ajuda. Quando mergulhamos, sinto a sua energia passar para Kass, dando-lhe forças. A Bruxa passa a maior parte do tempo a dormir a fim de evitar a dor, deixando-me sozinha e perdida em pensamentos.

Não estou totalmente sozinha. O Oceano faz-me companhia. Por vezes, sinto a velha agonia regressar ao encarar o horizonte, onde nada mais se vê a não ser azul. O que torna a sua companhia mais uma causa de ansiedade.

Faço um esforço para me manter concentrada. Traço o plano na minha cabeça uma e outra vez, mas a minha mente viaja. A pele arrepiava-se ao sentir Tartara oscilar, a boca seca ao pensar na missão e nas circunstâncias que me rodeiam.

Há poucos dias, encontrava-me a bordo de um navio-pirata rumo à morte. Fui comprada pelo mais cruel dos piratas para ser sacrificada à Grande Serpente, o monstro marinho responsável por proteger a pedra preciosa capaz de realizar qualquer desejo.

A Safira Sagrada. Mágica, poderosa... e irreversível.

Desesperada por sobreviver, propus um acordo: se conseguisse matar a Serpente e entregasse a Safira, estaria livre. A minha vida por um desejo. Parecia impossível. Tartara, a Grande Serpente, é imortal, e as lendas em seu redor retratam-na como indestrutível. Estava condenada.

Surpresa das surpresas, não só sobrevivi como, num ato de pura loucura, sacrifiquei-me. Atirei-me ao mar desconhecido e descobri que a morte não era nem nunca foi o meu Destino.

Afinal, há algo pior que a Morte. O Oceano chama-lhe *Escuridão*. Um mal antigo cujo alimento favorito é o medo e a raiva. Como profetizado, escapou da sua prisão no Reino das Bestas e é responsável pelos monstros marinhos que impedem a circulação nos Sete Mares.

Outrora, o poder que impedia o regresso da *Escuridão* existia em força. Estava condensado no sangue das Bruxas do Mar, mulheres escolhidas pelo Oceano para serem a ponte entre a natureza e a Humanidade. Foi esse equilíbrio que permitiu aprisionar a *Escuridão*. Sem discórdia, a entidade



perdeu o seu poder e as Bruxas do Mar baniram-na para o Reino das Bestas, um reflexo do nosso mundo onde o silêncio e o vazio reinam.

Infelizmente, o Homem teme o que não compreende e muitas Bruxas foram caçadas ao longo dos tempos, vendo-se forçadas a esconder-se nos vários cantos do mundo para escapar ao extermínio. Incapaz de ver as suas protegidas a sofrerem, o Oceano deixou de abençoar mulheres com tal magia, e o mundo ficou desprotegido.

A cada Bruxa do Mar assassinada, um monstro escapava do Reino das Bestas. A cada morte, a prisão da Escuridão enfraquecia.

Apenas o poder das Bruxas do Mar reunidas pode aprisioná-la novamente.

E cabe-me a mim reuni-las.

A cada segundo, entro em espiral. Paro, respiro, volto a focar-me. Regresso à espiral. Paro novamente. Torço as mãos no colo, os nós dos dedos brancos com a força que aplico.

Penso no que Eva diria se visse o meu estado. Provavelmente refilaria comigo. Iria revirar os olhos perante a minha agonia. Teria uma palavra assertiva e sábia para dizer.

Adron teria uma mezinha calmante. Michael colocaria uma mão no meu ombro, num gesto firme.

Josh dar-me-ia um abraço.

Não abras esse baú, Catherine. Ou vais-te abaixo... de novo.

Sinto o estômago embrulhar-se com outro solavanco de Tartara. As emoções borbulham dentro de mim como um vulcão prestes a explodir. Procuro focar-me e testo a minha recente habilidade de manipular a água em meu redor, sentindo cada gota e a energia que carrega. Pequenas serpentes erguem-se na pele de Tartara à medida que movo os dedos, concentrada na água acumulada nas escamas. Suor escorre-me pelas têmporas e ofego ao sentir a energia abandonar-me, a água caindo quando perco o controlo.

— Como é que é suposto ser a Escolhida se nem sequer consigo usar a magia que me foi concedida? — murmuro com angústia.

«Vais aprender.»

A voz do Oceano é familiar na minha mente. Tem um tom feminino, numa mistura calma de suavidade e firmeza. Por vezes, soa ao mar calmo de um bonito dia de verão. Outras, como a mais fria tempestade de inverno. Na maioria das vezes, soa como imagino que a minha mãe soaria se me tivesse criado: doce, protetora, a incitar a confiança e a coragem.



«*E se cometeste um erro?*», questiono, dando voz à espiral de dúvidas que me faz agonizar. «*E se eu não for quem precisas que seja?*»

Nunca me senti tão frágil. Abraço as pernas e pouso o queixo nos joelhos, o peso da solidão a envolver-me. Odeio-me por deixar-me cair, por choramingar em vez de erguer-me, por sentir pena de mim mesma. Visto de fora, provavelmente sou digna de piada, a princesa fraca que não foi capaz de salvar o seu reino, quanto mais salvar o mundo.

A espiral afunda-me cada vez mais. Escondo o rosto com as mãos e mordo o lábio inferior, impedindo-me de chorar. Não posso fraquejar. Haverá tempo para chorar. Haverá tempo para fazer o luto de tudo o que perdi... inclusive das partes de mim que não poderei recuperar.

«*Não és menos forte por fraquejares, Catherine. Para as folhas nascerem na primavera, primeiro têm de cair no outono. Chora, princesa. Faz o teu luto. Cai... para depois ergueres-te mais forte que antes. Que esta seja uma espiral de tristeza... não de insegurança.*»

A energia dentro de mim pulsa. O mar ao meu redor agita-se. As nuvens adensam-se e sou envolvida pelo abraço da chuva quente que desaba em torrentes. A pele aquece, enquanto os cabelos, encharcados, caem como uma cortina pesada sobre as minhas costas.

Choro. Permito-me chorar, ciente de que o Oceano chora comigo.

E, por momentos, não me sinto tão sozinha.

«*Está na hora de acordar, Cathy.*»

Ergo-me sobressaltada, a respiração entrecortada. Pestanejo e levo a mão ao peito, a tentar acalmar o coração que galopa desgovernado. Prenso os lábios numa linha fina, apagando as réstias dos meus sonhos com toda a força de vontade que encontro.

— Bom dia!

A voz animada de Kass faz-me procurá-la. Está de pé, agarrada a um dos espinhos dorsais de Tartara, os olhos azuis a faiscar de energia. O rosto adquiriu alguma cor, as bochechas coradas indicando que está menos fraca, embora não se apoie na perna partida. Sorri e estende-me a mão para ajudar-me a levantar. Opto por erguer-me sozinha.

— Vejo que estás melhor — comento.

— Não me sentia tão bem há séculos! — responde, os lábios retorcendo-se num sorriso torto ao apontar com o queixo para a perna. — Bem,



talvez esteja a exagerar. Pelo menos já estou de pé sozinha! Mais ou menos. Pronto, talvez não esteja assim tão bem...

Ergo a sobancelha, enquanto ela continua a tagarelar. Os cabelos azuis caem em ondas até aos ombros, e é impossível não admirar a coloração intensa. A onda de perguntas que tenho para lhe fazer ameaça escapar-se, mas refreio o impulso, focada na primeira parte do meu plano.

— Estamos perto de Hetara? — questiono a Tartara, cuja membrana no topo da sua cabeça vibra com o seu lamento. Interpreto isso como um «sim».

— Não vou a Hetara há algum tempo. — Kass encara o horizonte, as íris azuis perdidas em pensamentos. — Já lá foste?

Cerro os dentes, incomodada. Abano a cabeça, inspirando profundamente antes de responder:

— Nunca saí de Oceânia.

Ela olha-me com surpresa.

— Pensava que as princesas tinham de ser cultas. Sabes, viajar é uma das melhores fontes de conhecimento! Conhecer outras culturas, aprender outras línguas, perceber que há tantas maravilhas ainda por descobrir...

Continua a tagarelar, alheia ao meu desconforto. Não o faz por maldade, mas Kass parece-me ser tudo o que sempre quis ser: livre, feliz, genuína. Ela não sabe o que é ser invisível. Pelo contrário, toda ela é luz e presença.

Pigarreio e ela cala-se, fitando-me com atenção. Sinto Tartara abrandar e procuro o horizonte, o estômago retorcendo-se de expectativa.

— Terra à vista — murmuro ao fitar a costa do reino à minha frente.

Verde. Tudo o que vejo é verde. Longas planícies preenchem a terra e o mar agita-se no porto. Alguns navios estão atracados, mas a atividade pesqueira é escassa por ali. Não é de estranhar que haja tão pouca gente à beira-mar, considerando que a navegação é cada vez mais limitada em todos os reinos, devido aos ataques dos monstros marinhos. Uma única casa encontra-se no porto, onde apenas um senhor faz a gestão das entradas e saídas pela via marítima, explica-me Kass rapidamente enquanto nos aproximamos.

— Temos de saltar — diz, tensa. — Não podemos ser vistas a chegar às cavalitas da Grande Serpente.

— Estás bem? — questiono, estranhando a súbita ruga de preocupação que se forma na sua testa.

Kass assente, humedecendo os lábios.

— Catherine, eu sei que viveste em terra a vida toda, mas... Agora és



uma Bruxa do Mar. — Puxa um lenço do bolso do seu casaco, envolvendo os cabelos e escondendo-os por baixo do tecido castanho. — Se descobrirem o que és, vais direta para a fogueira.

Di-lo como se fosse um facto, algo a que está habituada. Retraio-me, apreensiva. A este ponto, deveria estar habituada a ser um alvo com uma sentença de morte sobre mim. No entanto, não estou. O medo assola-me, seca-me a garganta e abraço-me a mim mesma, recuando.

— Talvez não seja boa ideia...

— É indiferente. — Fita-me com compaixão e pousa-me a mão no ombro, apertando-o num gesto firme. — Em terra ou em mar, és um alvo a abater. É melhor aceites isso, antes de embarcarmos nesta viagem.

Pisca-me o olho, os lábios retorcendo-se num sorriso divertido.

— Vamos viver uma aventura, Escolhida.

CAPÍTULO 3



O Terceiro Reino

CATHERINE

Estou cada vez mais arrependida por ter sonhado com grandes aventuras e desejado a liberdade. Parece-me que é um pouco sobrestimada. E arriscada.

Baixo a cabeça, fitando o chão enquanto caminho. O braço de Kass aperta o meu com força, a fim de apoiar o corpo tenso. A perna ainda lhe dói; a tala improvisada não é suficiente para ajudá-la.

«*Como é que vamos encontrar um curandeiro se nem posso erguer a cabeça?*», pergunto a mim mesma, frustrada.

— Relaxa — oiço-a dizer, e atrevo-me a encará-la, nada surpreendida ao ver o sorriso travesso no seu rosto. — Disfarça essa cara de carneiro mal morto, Cath.

Lanço-lhe um olhar carrancudo, escondendo o cabelo molhado no tecido que me cobre a cabeça. Estou encharcada, a pele gelada e a sensação sufocante de estar no mar ainda presente. Bruxa do Mar ou não, continuo sem saber nadar e só consegui chegar a terra empurrada pelas correntes e pela força do Oceano. A partir da costa, caminhámos para norte, onde Kass se lembrava da existência de uma pequena vila, e é aqui que estamos agora. O seu plano é encontrar alguém que nos ajude sem precisarmos de seguir para as cidades maiores, usando a inocência e a bondade dos camponeses mais solitários, ao invés de nos aventurarmos para o interior de Hetara.

Inclino a cabeça para cima, movida pela curiosidade, e observo este pedaço do Terceiro Reino. Casas de madeira e colmo erguem-se aqui e ali, cada uma circundada por jardins floridos. O odor a pólen é intenso e sinto o nariz formigar com vontade de espirrar. Há uma serenidade enervante a pairar no ar, o ambiente demasiado tranquilo para alguém que está



habituada a viver numa ilha pequena, com o mar a bater nas rochas como ruído de fundo.

Deveria sentir-me entusiasmada. A princesa que ansiara viajar e conhecer outros reinos tem finalmente o que sempre quis.

No entanto, nada sinto. Fito os vales com apatia. Inspiro o odor das flores desconhecidas como se não fossem uma cacofonia estranha para mim. Até as poucas pessoas que se veem são diferentes, com a sua pele morena pelos dias de trabalho nos campos e jardins, os cabelos pardos tapados por chapéus de palha e o corpo coberto por estranhas calças até ao pescoço, como nunca vi em Oceânia.

Estar em Hetara faz-me recordar Adron. Ergo o rosto para os montes e vales que se estendem no horizonte. Algures ficará o palácio de Hetara, onde mora o Rei que partiu o coração do curandeiro do *Inevitável*. Sinto um aperto no peito ao pensar nele e em toda a tripulação do navio. É estranha a sensação de sentir falta de alguém que conhecemos por tão pouco tempo, mas... Dizem que não é a quantidade que conta, é a qualidade.

Nunca esquecerei Adron. Ou Josh. Ou Eva. Até Michael, apesar das poucas palavras que trocámos.

Paro de pensar nos piratas, antes que a minha mente voe por caminhos apertados.

O sol de Hetara torna as cores ainda mais vibrantes. O verde dos vales e dos jardins, as flores roxas, laranjas e brancas que rodeiam as casas, até as ruas pavimentadas com calçada esbranquiçada parecem brilhar sob a luz. Nos montes veem-se ovelhas e vacas a pastar. Algumas carroças circulam pela vila, fazendo parte de uma rede de transporte engraçada e única que a conecta às outras vilas do Reino.

É tudo demasiado bonito e harmonioso. Dá-me náuseas.

Sinto Kass abrandar o passo ao escutar vozes. Um casal de idosos tenta negociar com um cocheiro para visitar uma terra chamada Vila Branca. O homem mantém-se firme no seu preço, a mão a afagar gentilmente o dorso do cavalo negro que puxa a sua carroça. Sorri com simpatia para o casal, que teima em querer pagar menos.

— Desculpe, senhor!

Arregalo os olhos ao sentir Kass largar-me, caminhando com confiança até ao cocheiro. Manca um pouco, mas estica os lábios num sorriso luminoso e desconcertante.

— Será que há alguém na vossa amável terra que tenha dons de



curandeiro? — pergunta, unindo as mãos em frente ao peito. — Eu e a minha amiga precisamos de ajuda.

Contenho o nervosismo enquanto me aproximo dela, e o seu braço volta a enlaçar o meu para se apoiar. Espero ver desconfiança nos olhos do senhor ou no casal que conversava com ele. Espero perceber algum desconforto da parte deles por terem uma jovem a interromper a sua negociação.

Não vejo nenhuma dessas emoções. Pelo contrário, parecem rendidos à simpatia de Kass e ao seu sorriso caloroso. A mulher, uma senhora baixa, de cabelos brancos e ligeiramente curvada, inclina-se na sua direção com o semblante preocupado ao perguntar:

— Mas a menina está bem? O meu marido foi curandeiro quando era mais novo. Podes ajudar esta senhora simpática, não podes, Ben?

— Claro, querida — responde o velhote ao seu lado, ajeitando os óculos redondos que escorregaram pelo nariz abaixo. — Mas não íamos visitar a tua irmã à Vila Branca?

— Oh, ela espera! Não deve morrer hoje. Acho eu.

— Não queremos incomodar! — exclama Kass de imediato.

— Não incomodam nada. O Senhor Tom também não estava a querer baixar o preço a estes dois velhotes...

O cocheiro ao lado do bonito cavalo empertiga-se, fitando a senhora com um ar indignado.

— O valor é sempre o mesmo, Dona Tina! Não seja assim para mim!

— Uma velha pode tentar a sua sorte — murmura a senhora, piscando o olho a Kass.

A interação é demasiado para mim. Pressiono o braço em redor da Bruxa e, desta vez, sou eu que me apoio nela. Sinto-me no limite. Suor frio escorre-me pela nuca e faço um esforço para controlar a respiração. Escondo as emoções com um sorriso breve e engulo em seco para reprimir o sufoco que quer invadir-me. A ansiedade não me é estranha, acompanha-me desde nova, como uma segunda pele. No entanto, estar constantemente à beira de um ataque e por tão pouco é uma sensação nova.

A simplicidade com que Kass fala com desconhecidos deixa-me desconfortável. A atmosfera pacífica de Hetara enerva-me. A perspetiva de ser reconhecida, de saberem que sou uma Bruxa do Mar ou a princesa de Oceânia, o facto de estar fora do meu Reino... tudo isso é novo e assustador.

Pontos negros preenchem-me a visão. Inspiro e expiro. Concentro-me na respiração para acalmar o ritmo cardíaco. Quando dou por isso, estou a caminhar ao sabor dos movimentos de Kass, cuja voz tagarela



animadamente com o casal de desconhecidos. Apercebo-me de que não a conheço. Estou com uma desconhecida num sítio desconhecido, a segui-la rumo a um destino incerto, numa missão suicida.

O pânico alastra-se, tão familiar.

Que estou a fazer?

— Cath.

Sinto-me a ser puxada e as vozes dos gentis camponeses tornam-se distantes à medida que nos afastamos. Os olhos azuis de Kass procuram os meus e noto que tem as mãos a segurar-me o rosto, a frieza da sua pele a alastrar-se sobre a minha. Está preocupada comigo, vejo-o na sua expressão, na maneira errática como me observa e na voz suave ao dizer:

— Estás bem. Está tudo bem.

Algo estala dentro de mim. Empurro-a com brusquidão, a raiva a abater-se sobre mim como fogo. Cerro os punhos, cega de fúria, e abano a cabeça, a voz cortante ao responder:

— Não digas isso. Não está nada bem. Que estás a fazer? Para onde vamos? Vais simplesmente seguir qualquer pessoa com quem te cruzes? O que...

Calo-me subitamente. Num gesto rápido, Kass faz algo que não esperava, algo que é o suficiente para dissipar todas as minhas emoções.

Abraça-me.

Os braços rodeiam-me o corpo com gentileza e permito-me respirar fundo, encostando o rosto ao seu ombro. Por uma vez, deixo-me ser embalada. Foco-me na respiração e no calor do seu corpo, aproveitando-me disso para controlar o pânico, sentindo-o abandonar-me.

— Eu sei que não me conheces — oiço-a dizer com gentileza. — E sei que passaste por muito, mas... Não estás sozinha, Catherine. Preciso mesmo que confies em mim, está bem?

— Fácil falar, difícil fazer — murmuro, cansada.

O riso dela é triste e afasta-se para me olhar nos olhos, as íris azuis repletas de compaixão ao dizer:

— Confiança é conquistada. Deixa-me conquistar-te, Escolhida.

Reprimo um gemido.

— Não me chames isso.

Kass esboça um sorriso travesso.

— Mas é uma alcinha tão querida!

— Olha que amizade bonita, querido — oiço a velhota dizer, atraindo a minha atenção. — Já não se vê amizades assim hoje em dia, não achas?



LUCY ANGEL

Amizade.

Estremeço.

Ora aí está uma palavra que pouco ou nada compreendo.

Não consigo dormir.

Mexo-me e remexo-me, irrequieta. Com um suspiro, abro os olhos e encaro o teto do celeiro onde estamos. O casal de velhotes revelou-se uma surpresa agradável. Sem exigir nada em troca, ofereceram-nos alimento e uma bacia para tomarmos banho. O senhor Ben tratou de Kass e, depois de saberem que não tínhamos onde ficar, decidiram alojar-nos. Tinham perdido o seu cavalo recentemente e, portanto, o celeiro estava abandonado.

Apesar de estranha, a hospitalidade do casal de velhotes é inacreditável. Ainda assim, a minha desconfiança deixa-me pensativa.

Quando é que me tornei tão desconfiada?

Antes ou depois de o meu reino ter sido destruído?

No monte de lençóis e mantas que compõem as nossas camas improvisadas, Kass ronca, a boca escancarada e o braço por cima dos olhos para bloquear a luz da madrugada. É essa claridade que indica que não dormi nada. Os pesadelos invadiram-me os sonhos e acordei novamente em prantos, o corpo empapado em suor e o coração na boca.

Depois disso, não voltei a pegar no sono. É impossível adormecer quando sabemos que teremos de reviver cada momento de dor.

O cheiro a fumo desperta-me os sentidos na totalidade. Ergo-me, em alerta, o sobrolho franzido enquanto inspiro profundamente. Depois, o badalar de sinos faz um arrepio percorrer-me a pele, o medo a espalhar-se instintivamente pelo corpo.

— Kass. Kass, levanta-te.

Abano-a com veemência e ignoro o seu resmungar, parando apenas quando abre os olhos. Senta-se como uma mola e empurra o cabelo azul do rosto, inalando o ar.

— Estamos a ser atacados! — oiço gritar do lado de fora, as palavras entranhando-se como agulhas na mente. — Fujam!

Um som de gelar o sangue ecoa por cima de qualquer outro. É o som que oiço nos meus pesadelos, que faz o estômago contorcer-se e o coração saltar pela boca.

O rosnado de um monstro.

Levanto-me de imediato, à procura do casaco que o casal de velhotes



gentilmente cedeu. No bolso, a adaga que roubei ao meu pior inimigo brilha com a luz da madrugada, escura e afiada como a pessoa que um dia a empunhou. Pressiono os lábios e seguro o cabo com firmeza, fitando Kass para confirmar que também está pronta e alerta. Vestiu o casaco que carrega consigo desde que a conheci e tem adagas embainhadas nas costas, as íris firmes e um ar determinado no rosto. O seu menear de cabeça é o sinal de que preciso, e seguimos para a rua, apreensivas.

O cenário é pior que qualquer pesadelo.

O céu pacífico de Hetara está manchado de negro, tingido pelo fumo espesso que se espalha com o vento. Este é feroz e faz o fogo rugir, alimentando as chamas que consomem a encosta. Corremos, frenéticas, pelas ruas da pequena vila, por entre os gritos dos seus habitantes. A terra está coberta de cinza e sinto o meu estômago revirar-se ao ver as casas destruídas por onde passamos.

No entanto, o que vemos não é o pior. Estremeço ao observar os monstros, medo líquido a incendiar-me os nervos. São grandes, com focinho de sapo disforme no corpo de lagarto, as patas com membranas deixando para trás um muco ácido que derrete as plantas. Quando abrem a boca, línguas de fogo voam pelos ares, as chamas de um tom de laranja semelhante à cor hedionda da sua pele.

Nunca vi criaturas mais feias.

— Estes são novos — oiço Kass resmungar com amargura, as mãos já a segurar as duas adagas com habilidade. — E estão bastante longe do mar.

Algo lhe trespassa o olhar, mas guarda para si, as feições endurecidas por uma revelação terrível. Não a questiono. O que quer que seja, são más notícias, e não preciso disso agora, muito menos quando tenho um monstro de três metros a vir na minha direção.

— Baixa-te! — grito.

Sinto a pata do monstro passar rente ao topo da cabeça, falhando por míseros centímetros. Antes que se afaste muito, ergo a adaga e cravo-a na superfície escamosa da criatura. Não a removo a tempo e sou sacudida com veemência enquanto a adaga permanece cravada. Solto um grito ao ser arremessada no ar e bato com violência numa carroça, que se parte, a madeira despedaçando-se com o peso do meu corpo. Arfo, sem fôlego. Na mão, a adaga coberta de sangue roxo suja-me a roupa, impregnando-me do líquido viscoso.

Gemo baixinho ao erguer-me, as costelas doridas pelo embate. Salto com rapidez para desviar-me da pata que cai onde, segundos antes, estava.



Quando levanto a cabeça, vejo o sorriso presunçoso de Kass ao aterrar a pés juntos no chão. O seu sorriso esmorece, substituído por um pequeno gemido de dor ao cambalear com a perna enfaixada.

O monstro que acabou de atacar investe na sua direção e abro a boca para a avisar, mas ela é mais rápida. Num movimento veloz, cai de costas, os joelhos dobrados e os braços erguidos. Com um grunhido feroz, a criatura passa-lhe por cima, não sem antes ser degolada pela Bruxa. Antes que o corpo moribundo lhe caia em cima, Kass rebola no chão, ofegante. Levanta-se como se nada fosse, ajeitando as roupas amarrotadas com os dedos que não seguram o cabo das adagas. Há um pequeno lampejo de dor no seu olhar, o qual disfarça com um grandioso sorriso.

— Próximo! — exclama, visivelmente entusiasmada. — Vamos ver quem despacha mais? Fico sempre mais investida quando estou numa competição, sabes?

Quero dizer-lhe que está louca. Que perdeu algum parafuso. Não vou participar numa disputa para matar monstros.

Ao longe, mais monstros vêm na nossa direção. Parecem atraídos por nós como abelhas pela luz, as bocas escancaradas prontas para arremessar mais chamas na pequena vila de inocentes.

Já fizeram estragos que cheguem.

Pura adrenalina percorre-me as veias. Sopro uma mecha de cabelo dos olhos e sinto o corpo estremecer, desta feita, movida pelo entusiasmo e não pelo medo. Um sorriso malicioso desenha-se nos meus lábios, o peito a queimar de um fogo diferente do que estou acostumada.

Vingança.

— Tenta acompanhar, Bruxa.

Estou coberta de sangue roxo da cabeça aos pés.

É nojento.

Pontapeio a cabeça do monstro que consegui matar, irritada. Antes de morrer, a ferida no seu pescoço espirrou sangue abundantemente... para cima de mim. O odor é asqueroso, as roupas estão numa lástima peganhenta e os meus pés colam-se ao chão a cada passo. Ao longe, Kass continua aos saltos, rodopia sobre si mesma, os cabelos azuis ondulados a esvoaçar à sua volta num borrão. Toda ela leveza, ferocidade e adrenalina suficiente para que, por instantes, as dores na perna se dissipassem.

Por fim, o chão treme sob os meus pés quando o último monstro cai



e Kass ergue-se no topo da cabeça dele, as lâminas firmemente enterradas no ponto onde estará o cérebro da criatura. A Bruxa não tem um único pingo de sangue. As roupas estão amassadas com os movimentos, o lábio tem um pequeno corte e vejo o rosto contorcer-se de dor enquanto desliza do corpo do monstro para o chão, aterrando na perna ferida. A adrenalina começa a baixar, e ela começa a ficar mais consciente das suas limitações. Apresso-me a alcançá-la, passando o braço dela por cima dos meus ombros para a apoiar.

Kass esboça um esgar de nojo ao inspirar.

— Cheiras mal, Cath. Por que raio tomaste banho com o sangue deles?

Ranjo os dentes e ela solta uma risada cansada, piscando-me o olho.

— Estiveste bem. Acho que empatámos — comenta com um sorriso.

Mentirosa. Ela matou mais monstros que eu, mesmo com uma perna partida.

O seu sorriso dissipa-se ao fitar a paisagem. Os habitantes da vila auxiliam-se mutuamente. Tentam salvar as casas que ardem, desviando os detritos e mantendo-se afastados dos monstros mortos. Os seus corpos começam a desfazer-se numa papa viscosa, entranhando-se na terra como se regressassem à Natureza. Lentamente, os únicos vestígios da sua presença são o fogo que arde, o fumo que cobre o céu e a destruição que provocaram.

— Temos de ir — diz Kass com pesar. — Se ficarmos, os monstros regressarão.

— O que é que não me estás a dizer? — pergunto, humedecendo os lábios ao vê-la arregalar os olhos. — Vá lá, Kass. Preciso de respostas, já confiei cegamente em ti até aqui.

Ela abana a cabeça, visivelmente angustiada.

— Não é nada de especial, é só que... acho que ainda não percebeste, mas... — Faz uma pausa enquanto a ajudo a sentar-se numa tábua de madeira próxima, ambas ofegantes da batalha. — Eles estão atrás de ti. Não importa onde estejas, se em terra ou em mar, os monstros seguir-te-ão. Estão neste mundo para que a Escuridão possa regressar. Castigam o Homem, espalham o medo e alimentam a guerra para que a Escuridão tenha espaço para se entranhar no coração dos humanos... e domá-los. Tu és a única que pode impedir que isso aconteça, e os monstros tudo farão para impedir o sucesso da tua missão: encontrar e reunir as Bruxas do Mar.

Os olhos ciano de Kass fitam-me com intensidade. Há tanta esperança no seu olhar que sinto as palmas das mãos suarem, a ansiedade a bater à porta. Nunca quis ser a heroína de ninguém. Nunca quis essa responsabilidade.



«Mas há tanta coisa que não queria que tivesse acontecido desde que fui tirada à força de Oceânia», penso com amargura, desviando o olhar.

— Então eles são atraídos por mim — constato, torcendo as mãos no colo. — Que maravilha.

Kass assente.

— Não podemos voltar a fazer paragens. Temos de ir imediatamente para Terrium.

Põe-se de pé, alheia à minha expressão confusa. Embainha as lâminas no colete que traz às costas, ajeita o casaco castanho de lã que usa, a faixa que envolve a perna partida, as calças de pano pretas que veste. O cabelo azul é habilmente atado com pequenas fitas em dois coques no topo da cabeça e ergue o queixo na minha direção ao mesmo tempo que puxa o capuz do seu casaco para cima.

— Está na hora de seguir viagem. — Olha-me de alto a baixo com um sorriso apologetico. — Mas primeiro... roupas novas para ti. Estragaste as roupas dos velhotes!

— Eu não vou a lado nenhum sem tu me explicares porque acabaste de dizer que vamos para Terrium — retruco, a voz pouco mais alta que um sussurro, a paciência a esvaír-se a cada informação que me dá sem explicações decentes. — Não há lá nada a não ser uma floresta de árvores mortas e cadáveres da Guerra Antiga...

— E montanhas. A Cordilheira de Terrium. — A expressão de Kass ilumina-se ao colocar as mãos na cintura com um ar divertido. — Longe do Oceano. Longe dos Homens.

Sinto o estômago revolver-se de antecipação. Poderá ser assim tão simples?

— Estás a insinuar...

— Não, amiga — interrompe a Bruxa, rindo sozinha. — Estou a *afirmar*. Estamos escondidas há gerações nas montanhas. Catherine, as Bruxas do Mar estão em Terrium, o Primeiro Reino.

Engulo em seco.

Terrium.

O Primeiro Reino...

O Reino Assombrado.

Isto está cada vez melhor.